

## **PRAÇA DO VALE E BATALHA DO VALE EM PRESIDENTE PRUDENTE (SP): REFLEXÕES A PARTIR DAS DISCUSSÕES DE FORMA ESPACIAL E ESPAÇOS PÚBLICOS**

**Ana Carolina dos Santos Marques**

Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP).

[anaaa0@hotmail.com](mailto:anaaa0@hotmail.com)

### **Resumo**

O presente artigo objetiva discutir acerca da Batalha do Vale, realizada na Praça do Vale em Presidente Prudente (SP), a partir das noções de formas espaciais e espaços públicos. A Batalha do Vale se caracteriza como uma batalha de rima e as noções de formas espaciais e espaços públicos permitem compreender a relação estabelecida entre a juventude hip hoppers e a Praça do Vale, caracterizada como espaço público utilizado pela população para lazer e manifestações culturais, e além disso, a praça pode ser entendida como uma forma espacial que possui significados específicos para as juventudes. A partir da possibilidade de se expressar cultural e politicamente, a juventude hip hoppers se apropria da praça para realização da batalha atribuindo significados a esse espaço e ao evento. Os procedimentos metodológicos adotados foram trabalhos de campo e entrevista com um jovem que frequenta a Batalha do Vale e faz parte da cultura Hip Hop de Presidente Prudente. A Batalha do Vale, e conseqüentemente a Praça do Vale, possibilita que a juventude do Hip Hop tenha um lazer gratuito e possa expor suas demandas e reflexões por meio da arte, reafirmando a relevância dos espaços públicos nas cidades contemporâneas.

**Palavras-chave:** Batalha do Vale; Praça do Vale; Presidente Prudente (SP); Juventude; Hip Hop.

## **PRAÇA DO VALE AND BATTLE OF VALE IN PRESIDENTE PRUDENTE (SP): REFLECTIONS FROM THE SPACE FORM AND PUBLIC SPACE DISCUSSIONS**

### **Abstract**

This article aims to discuss the Battle of Vale, held at Praça do Vale in Presidente Prudente (SP), based on the notions of spatial forms and public spaces. Battle of Vale is characterized as a rhyming battle and the notions of spatial forms and public spaces allow us to understand the relationship established between hip hopper youth and Praça do Vale, characterized as a public space used by the population for leisure and cultural events, and in addition, the square can be understood as a spatial form that has specific meanings for young people. Based on the possibility of expressing themselves culturally and politically, hip hopper youth appropriates the square to carry out the battle, attributing meaning to this space and the event. The methodological procedures adopted were fieldwork and interview with a young man who attends Battle of Vale and is part of the Hip Hop culture of Presidente Prudente. Battle of Vale, and consequently Praça do Vale, allows Hip Hop youth to have free leisure and to expose their demands and reflections through art, reaffirming the relevance of public spaces in contemporary cities.

**Key words:** Battle of Vale; Praça do Vale; Presidente Prudente (SP); Youth; Hip hop.

## **PRAÇA DO VALE Y BATALLA DE VALE EN PRESIDENTE PRUDENTE (SP): REFLEXIONES DESDE LAS DISCUSIONES EM FORMA ESPACIAL Y DEL ESPACIO PÚBLICO**

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo discutir la Batalla de Vale, celebrada en la Praça do Vale en Presidente Prudente (SP), a partir de las nociones de formas espaciales y espacios públicos. Batalla do Vale se caracteriza por ser una batalla de rimas y las nociones de formas espaciales y espacios públicos permiten comprender la relación que se establece entre la juventud hip hopper y la Praça do Vale, caracterizada como un espacio público utilizado por la población para el ocio y eventos culturales, y Además, la plaza puede entenderse como una forma espacial que tiene significados específicos para los jóvenes. A partir de la posibilidad de expresarse cultural y políticamente, la juventud hip hopper se apropia de la plaza para llevar a cabo la batalla, atribuyendo significado a este espacio y al evento. Los procedimientos metodológicos adoptados fueron trabajo de campo y entrevista a un joven que asiste a Batalha do Vale y es parte de la cultura Hip Hop de Presidente Prudente. Batalla de Vale, y consecuentemente Praça do Vale, permite a los jóvenes del Hip Hop tener ocio libre y exponer sus demandas y reflexiones a través del arte, reafirmando la relevancia de los espacios públicos en las ciudades contemporáneas.

**Palabras-clave:** Batalla del Valle; Praça do Vale; Presidente Prudente (SP); Juventud; Hip hop.

### **Introdução**

O presente artigo objetiva discutir acerca da Batalha do Vale, realizada em Presidente Prudente (SP), a partir dos conceitos de formas espaciais e espaços públicos. A Batalha do Vale se caracteriza como uma batalha de rima realizada na Praça do Vale, localizada no Parque do Povo, da cidade. O evento é organizado e frequentado pela juventude do Hip Hop prudentino e ocorre nas sextas-feiras à noite.

Os conceitos de formas espaciais e espaços públicos oferecem direcionamentos ao permitirem entender a praça enquanto um espaço público utilizado pela população para lazer e manifestações culturais, assim como uma forma espacial que possui significados específicos para a juventude do Hip Hop. Desse modo, buscamos discutir essas características, além de destacar a importância da Batalha do Vale na reativação dos espaços públicos, as práticas espaciais que a juventude hip hopper institui nesse espaço e o questionamento do direito a cidade.

Para tanto, como procedimentos metodológicos, realizamos trabalhos de campo em duas sextas-feiras de 2019, em que ocorreu a Batalha do Vale. Além de frequentar a praça em alguns dias da semana, no período da tarde e da noite, quando não acontecia o evento, a fim de entender as diferentes espacialidades e temporalidades da Praça do Vale.

Também enviamos um questionário à um jovem que frequenta e participa da organização de alguns aspectos da Batalha do Vale, possibilitando compreender as significações que o evento e a praça possuem para ele e para a juventude do Hip Hop. O questionário possuía as seguintes perguntas: Idade? Frequenta a Batalha do Vale há quanto tempo? Com que frequência mensal vai a Batalha do Vale? Motivo pelo qual frequenta a Batalha do Vale? O que a Praça do Vale significa para você, para o movimento e para as/os jovens frequentadoras/es? Como é a relação dos organizadores e frequentadoras/es da Batalha do Vale com o espaço público em que ela é realizada? O que você entende por espaço público? Existem conflitos entre os organizadores e frequentadoras/es da Batalha do Vale e o restante das pessoas que ocupam o Parque do Povo? Existem conflitos com o poder público? Você acredita que a Batalha tem um papel político em Presidente Prudente? Ela pode potencializar a emancipação das/os jovens frequentadoras/es?

O jovem é Matheus (nome fictício, uma vez que se opta por manter a verdadeira identidade em sigilo), estudante universitário que possui 23 anos, frequenta a Batalha do Vale e conseqüentemente, a Praça do Vale há quatro anos, indo ao evento em média três vezes ao mês em virtude de seu interesse pelo Hip Hop – principalmente pelo rap –, pelo entretenimento e por ser um lazer gratuito.

O artigo está estruturado em quatro partes. Na primeira seção há a discussão a respeito das formas espaciais. Na segunda parte é debatido o conceito de espaços públicos, ressaltando a importância que esses locais possuem para a sociabilidade. Em seguida, apresentamos uma breve discussão acerca do conceito de juventudes e das práticas espaciais juvenis. Por fim, a Praça do Vale é pensada a partir dos conceitos de formas espaciais e espaços públicos, além da Batalha do Vale e da juventude hip hoppers serem interpretadas como fundamentais na manutenção desse espaço.

Portanto, por meio das discussões realizadas ao longo deste trabalho, espera-se possibilitar a compreensão da importância da Praça do Vale para o lazer das juventudes e da Batalha do Vale enquanto uma manifestação cultural e política da juventude do Hip Hop prudentino e de sua relevância para que essas/es jovens tenham um lazer gratuito e possam expor suas demandas e reflexões por meio da arte. Além de sua importância para a juventude hip hopper, a Batalha do Vale reafirma a relevância dos espaços públicos nas cidades contemporâneas, potencializando o encontro entre pessoas diferentes.

## **As formas espaciais e seus significados**

A sociedade, assim como o espaço geográfico, está em constante mudança. Seus movimentos alteram o espaço geográfico, atribuindo novas funções às formas e objetos, modificando assim, a organização espacial. Corrêa (2011) entende por organização espacial, o conjunto de formas e interações envolvendo pessoas, mercadorias, informações e capital, dispostos espacialmente. Nas palavras do autor, “reflexo, meio e condição social, a organização do espaço pode ser compreendida a partir das relações entre processo e formas e dos significados criados a respeito das formas e interações espaciais” (CORRÊA, 2011, p. 10).

De acordo com Santos (1985), o espaço geográfico é constituído essencialmente por forma, função, estrutura e processo, sendo que para compreendê-lo em sua totalidade, é necessário analisar o conjunto dessas categorias. O autor define a forma enquanto o aspecto visível de uma coisa, a função como uma atividade esperada de uma forma, a estrutura como a inter-relações de todas as partes de um todo e por fim, processo como uma ação contínua, que se desenvolve em direção a um resultado.

De acordo com Whitacker e Miyazaki (2012), as relações entre formas e processos espaciais são as mais evidentes. Assim, o presente artigo se propõe a focar nessas relações, adicionando ainda os significados que são atribuídos pela sociedade. As formas espaciais remetem aos objetos responsáveis por executar determinadas funções. Elas atendem às necessidades atuais da sociedade, estão diretamente ligadas aos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, e refletem “[...] processos passados ocorridos na estrutura subjacente” (SANTOS, 1995, p. 51), se tornando relevantes à medida que a sociedade lhes confere um valor social. Os processos são considerados como conjuntos de mecanismos e ações a partir das quais a estrutura se movimenta, alterando a organização espacial (CORRÊA, 2011).

Corrêa (2011) propõe que a organização espacial pode ser estudada por meio da tríade existente entre forma, processo e significado, sendo este último, um complemento às primeiras categorias. As formas estão impregnadas de significado construídos pelos grupos sociais, sendo possível de acordo com o autor, falar em formas simbólicas que são “[...] representações da realidade, resultados do complexo processo pelo qual os significados são produzidos e comunicados entre pessoas de um mesmo grupo cultural” (CORRÊA, 2007,

p. 7). Castells (1983) afirma que existe um simbólico urbano a partir da utilização das formas como emissores, transmissores e receptores das práticas ideológicas gerais.

Quando compreendemos formas simbólicas como representações, Hall (1997) oferece contribuições ao afirmar que a representação é o processo no qual as/os membras/os de uma cultura usam a linguagem (qualquer sistema de sinais) para produzir significado. Parte-se da premissa de que objetos, pessoas ou eventos não possuem um significado fixo, final ou verdadeiro. É a sociedade que atribui significados e isso varia de acordo com a cultura e o período histórico. Nesse sentido, as formas possuem significações distintas de acordo com os grupos, sendo caracterizadas por uma polivocalidade.

As formas simbólicas podem ser vistas também, como formas simbólicas espaciais quando constituídas de fixos e fluxos, ou seja, por localizações e itinerários. Essa relação ocorre em mão dupla: elas são valorizadas por sua localização, ao mesmo tempo que a localização é valorizada por elas (CORRÊA, 2007; 2011).

De acordo com Corrêa (2007), as formas simbólicas espaciais possuem intencionalmente dimensões política, econômica e cultural, sendo produzidas por seus idealizadores para realizar uma ou mais função:

São concebidas segundo os seus idealizadores para realizar uma ou mais funções abaixo indicadas: i. Glorificar o passado, acentuando alguns aspectos julgados relevantes para o presente e o futuro; ii. Reconstruir o passado, conferindo-lhe novos significados. Neste caso, como no anterior, tradições podem ser inventadas, como argumentam Hobsbawm e Ranger (2002); iii. Transmitir valores de um grupo como se fossem de todos. Nesse caso estão envolvidas fortes relações de poder; iv. Afirmar a identidade de um grupo religioso, étnico, racial ou social. A identidade nacional tem sido objeto de inúmeras formas simbólicas; v. Sugerir que o futuro já chegou, sendo portador de características julgadas positivas; vi. Criar "lugares de memória", cuja função é a de estabelecer ou manter a coesão social em torno de um passado comum (CORRÊA, 2007, p. 10).

O autor ainda aponta que as formas simbólicas espaciais se constituem em importantes elementos no processo de criação e manutenção da identidade, seja étnica, racial, social, religiosa ou nacional. Desse modo, a dimensão cultural se torna fundamental para compreender as formas simbólicas espaciais.

Podemos ainda pensar que as formas simbólicas espaciais se constituem em paisagens culturais. Nessa perspectiva dos significados que são atribuídos às formas, a paisagem cultural é analisada a partir das múltiplas interpretações que os diferentes grupos sociais criam (CORRÊA, 2007). Berque (1998) defende que a paisagem é uma marca, pois

expressa uma civilização e também é uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, concepção e ação – em suma, da cultura – que canalizam a relação da sociedade com o espaço e com a natureza. Nesse sentido, paisagem e sociedade se influenciam mutuamente, há uma relação dialética entre elas.

As noções de formas espaciais oferecem possibilidades de compreender os espaços públicos. Esses locais são formas espaciais presentes nas cidades contemporâneas e que estão relacionados com funções – principalmente, a sociabilidade –, estruturas – constituídas pelo seu entorno – e processos – representados pela ação da sociedade nos mesmos. Torna-se possível ainda, compreender os espaços públicos a partir da tríade forma, processo e significado, tendo em vista que a sociedade vivencia esses espaços e atribui significados aos mesmos.

### **O espaço público permanece vivo**

Não há um consenso em relação a definição de espaços públicos, esse conceito é discutido em diversas ciências e possui uma amplitude de significados. Souza (2018) destaca que o conceito de espaços públicos é polissêmico e possui dupla dimensão: ele é simultaneamente, um conceito físico/material (como uma rua, calçada, praça, parque, equipamento) e abstrato (relativo a expressões, manifestações e práticas individuais e coletivas). Cada ciência enfoca mais em uma dimensão, a primeira é conduzida principalmente pela Arquitetura, Urbanismo e Planejamento Urbano, já a segunda está ligada à Filosofia e Ciência Política. É fundamental que na Geografia, as duas dimensões sejam consideradas.

Souza (2018) aponta que a partir da década de 1990, os estudos a respeito dos espaços urbanos passaram a ser mais contemplados por pesquisadoras/es de áreas como a Geografia, Antropologia, Sociologia, Ciência Política, Planejamento Urbano, Arquitetura e Urbanismo e História.

Uma parte significativa das pesquisas acerca dos espaços públicos defende que esses locais passam por uma crise ou decadência, apontando para leituras pessimistas a respeito de seu futuro:

Sabemos que o discurso acerca da “decadência”, “regressão”, “crise” ou, para os mais pessimistas, “fim” dos espaços públicos, nas ciências sociais

e na geografia privilegia sua dimensão política e negligencia na maior parte dos casos sua dimensão sociocultural. Segundo esse argumento, a atual “crise” estaria ligada à ideia de que o crescente individualismo da sociedade moderna triunfou e o indivíduo perdeu a confiança e o interesse nas experiências públicas e comuns. A crescente apatia política e o desinteresse de grande parte dos cidadãos em relação às questões referentes ao bem comum e público são vistas como os principais sintomas desse processo de “retração” da esfera pública e dos espaços públicos (SOUZA, 2018, p. 184).

Dessa forma, as/os autoras/es destacam que a partir da crescente individualização da sociedade perde-se o interesse nas experiências públicas e comuns. É inegável que as cidades contemporâneas, assim como a sociedade, têm sido atingidas pela seletividade que se pode ser vista na forma dos *shoppings centers* e pela individualização que se materializa, por exemplo, por meio dos espaços fechados, ou seja, condomínios residenciais privados. Como afirmado por Caldeira (2000) e Spósito e Góes (2013), as classes altas tem optado por se isolar em espaços fechados e privados sob a alegação de que esses locais proporcionam maior segurança.

Apesar desse cenário, afirmar que os espaços públicos estão com seu fim próximo é equivocado. Os fenômenos urbanos se manifestam de formas diferenciadas nas cidades contemporâneas e não se pode afirmar que a regressão desses espaços ocorre em todos os lugares, tendo em vista, que os espaços públicos têm grande importância, como será explorado mais à frente nesse artigo. Souza (2018) reitera que as teorias de crise, fim, decadência e regressão dos espaços públicos não se assentam em argumentos fortes e precisos para uma conclusão tão pessimista, que afirmar isso não facilita a construção de valores cívicos e democráticos e que constatar a multiplicidades de novos usos e finalidades seria mais produtivo.

Góes e Spósito (2016) defendem uma mudança dos espaços públicos nas cidades contemporâneas e afirmam que concepções a partir do campo da filosofia política, como por exemplo de Hanna Arendt e Jürgen Habermas, não fornecem parâmetros para compreender os espaços públicos das cidades atuais, como Presidente Prudente, devido a uma sobreposição de interpretações que antes eram independentes: espaço público como conjunto de lugares de livre acesso e espaço público como âmbito no qual se desenvolve uma forma de vínculo social e de relação de poder. As autoras apontam que em muitos casos, há pouca distinção de espaço público e vida pública, o que dificulta uma conceituação mais adequada para o período atual. Espaço público e esfera pública estão articulados, mas não

podem ser confundidos ou reduzidos um ao outro, tendo em vista que nem sempre a vida pública se realiza somente em espaços públicos.

Nesse sentido, concordamos com autoras/es como Souza (2018), Góes e Spósito (2016) e Sobarzo (2006) e defendemos que os espaços públicos não estão com seu fim próximo, mas sim que tiveram seu conteúdo alterado, como por exemplo, no que diz respeito à diversidade de público. Souza (2018) destaca que quando comparados aos espaços públicos do passado, os atuais das cidades contemporâneas são frequentados por públicos mais diversos. Porém, ainda assim, esses espaços têm materializado a desigualdade e a separação como valores estruturantes (SOBARZO, 2006).

Considerando o exposto, se torna fundamental definir os espaços públicos para situar a pesquisa. Souza (2018) ressalta que as noções de espaço público estão associadas às seguintes características: vinculada ao Estado, acessível a todas/os, do interesse de todas/os e relativo ao bem comum. Para Delgado (2011) se caracteriza como um conjunto de lugares de livre acesso e onde acontece uma determinada forma de vínculo social e relação com o poder.

Nesse sentido, os espaços públicos são locais acessíveis a todas/os e que possibilitam o encontro entre as/os diferentes. Pessoas de classes sociais distintas, trajetórias de vida diferentes e opiniões, crenças e valores diferenciados se encontram e compartilham do mesmo local, sem necessariamente interagir entre si:

Nesse sentido, partimos de uma perspectiva que assume a diferença no espaço público, mas que não idealiza o convívio entre a diversidade como se fosse uma relação próxima e profunda; pelo contrário, parte do pressuposto de que o ideal moderno era um convívio civilizado, sob normas impessoais. Nesse sentido, a possibilidade de encontros “civilizados” pode ser entendida como a capacidade social, no espaço público, de se propiciar a reunião entre as diferenças, permitir a mútua observação, o diálogo e a co-presença, sem significar, embora muitas vezes tenha acontecido, a manifestação dos conflitos e interesses antagônicos (SOBARZO, 2006, p. 94).

Apesar de não interagir, as pessoas ainda convivem no mesmo local por meio do espaço público e assim, permite-se que tenham acesso a uma diversidade social, cultural e individual que não teriam em outros espaços, proporcionando até mesmo a construção das identidades. Sem os espaços públicos, o encontro entre as/os diferentes seria extremamente escasso, daí sua importância para a sociabilidade urbana.

Os espaços públicos também têm uma importância política, o ato de ocupa-los já é um ato político, uma forma de reivindicação: “permanecer nos espaços públicos, com todos os direitos que eles asseguram, é um ato que constitui, de fato, um exercício político da vida social” (GOMES, 2018, p. 9). Uma série de manifestações são realizadas nesses locais, desde barricadas a passeatas, e elas se valem da visibilidade dos mesmos para veicular suas demandas. Além disso, há outras formas de manifestação política como formas de apresentação, comportamentos e atitudes que tem um potencial reivindicativo e de questionamento, elas podem produzir formas de adesão ou de conflito, gerando um diálogo político.

Borges (2018) analisa a potência política dos espaços públicos, principalmente das ruas e concluiu que essas são um recurso político fundamental para se instituir mudanças políticas. O autor aponta que os espaços públicos não possuem uma natureza política imanente, são sobretudo, locais de sociabilidade e encontro, porém “[...] quando neles irrompem fenômenos políticos – protestos, etc., ocorre a subversão dos códigos cotidianos e uma transfiguração de ruas e praças em espaços políticos abertos” (BORGES, 2018, p. 179).

Entretanto, as formas de ocupação dos espaços públicos não ocorrem sempre de forma pacífica. A depender dos espaços públicos, do grupo que os ocupa e dos usos empregados, determinados mecanismos de controle social e vigilância são acionados. Como por exemplo, se a juventude hip hopper ocupa um local público em uma área elitizada, há grandes chances da política intervir, aplicar medidas de “segurança” e exigir que o grupo deixe o espaço. Assim, os espaços públicos também podem ser entendidos como territórios de negociação identitária. Daí a importância das juventudes, assim como o público em geral, reivindicar seus direitos ao uso desses locais e tensionar as estruturas que determinam quem pode frequentar cada espaço público, privilegiando grupos elitizados, em detrimento de outros.

Portanto, a partir das discussões, ressaltam os espaços públicos como fundamentais nas cidades contemporâneas. Quando pensamos nas juventudes, esses espaços se tornam importantes à medida que são gratuito e possibilitam o encontro. As/os jovens podem instituir suas espacialidades, se reunir com os amigos, formar coletivos culturais, sociais e políticos, questionar a estrutura social e potencializar seu direito à cidade.

## **Práticas espaciais das juventudes nos espaços públicos**

Juventudes não possui uma definição estática, as formas de ser jovem se transformam ao longo tempo e variam também de acordo com os contextos sociais, econômicos e políticos específicos. O termo juventudes é entendido neste artigo como uma fase de vida, como um momento na trajetória biográfica dos sujeitos. Pais (2003) afirma que as juventudes podem ser tomadas como um conjunto social amplamente diversificado, cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida – principalmente definida em termos etários. É fundamental compreender que por ser caracterizada por sujeitos que vivenciam contextos socioespaciais específicos, que demarcam diferentes formas de viver esta fase de vida, é preciso falar sempre em juventudes, no plural.

Turra Neto (2015a) destaca duas imagens históricas e paradigmáticas nas representações das juventudes: juventudes como fase de vida de preparação para o futuro e juventudes como fase de experimentação e de curtir a vida no presente, o que geralmente se materializa nos grupos ou culturas juvenis. O autor destaca que essas duas imagens em alguns momentos se combinam e em outros não, devido a alguns não possuírem condições materiais necessárias para combiná-las, evidenciando assim, “os modos de ser jovens entre os diferentes setores sociais” (TURRA NETO, 2015a, p. 124).

Dessa forma, ao estudar as juventudes é indicado considerar as duas dimensões (presente e futuro) que permitirão analisa-la sob duas perspectivas: uma mais geral, em que é tanto uma condição social, quanto factibilidade do ser jovem, que está ligado a uma idade e a um corpo; uma mais específica, que se atenta a diversidade de situações em que estes planos se combinam de formas imprevisíveis (TURRA NETO, 2015a).

Com base nessas afirmações, o espaço é um fator determinante nas trajetórias das/os jovens, elas/es estabelecem espacialidades diferenciadas que variam de acordo com seus contextos socioeconômicos específicos (TURRA NETO, 2015b). Assim, é fundamental que as juventudes sejam contempladas nas pesquisas geográficas, uma vez que são sujeitas/os ativas/os e suas práticas espaciais também modificam o espaço geográfico.

Góes e Spósito (2011) definem que as práticas espaciais expressam dimensões da vida social, micropolíticas e culturais, sendo que sua inter-relação com a subjetividade é complexa por construir sentidos, significados e imagens acerca dos espaços, além de que essa construção condiciona as práticas espaciais futuras. Nesse sentido, as práticas espaciais das

juventudes expressam suas vivências, em muitos momentos há uma negociação pelos espaços, principalmente espaços públicos, e nesse processo de apropriação do espaço, constroem-se redes de relações entre as/os jovens, que poderíamos denominar de redes de sociabilidade, como apontado por Turra Neto (2015b).

Um dos exemplos mais marcantes de redes de sociabilidade das/os jovens e que ocorre justamente com maior ênfase nessa fase da vida, é a adesão a grupos culturais tal como as culturas Punk, Hip Hop e Funk, que optamos por denominar neste artigo de culturais juvenis:

A partir do grupo, os jovens ganham um espelho para a própria identidade, deambulam pela cidade e podem distanciar-se de seus espaços mais familiares e explorar aquilo que a cidade tem a oferecer em termos de experiências juvenis. Nesse sentido, as relações de sociabilidade são fundamentais para pensarmos nas experiências de juventude dos jovens concretos. [...]. Assim, reconhecemos a necessidade de pensarmos sobre as interações dos jovens em grupos de pares, o que nos remete à seus encontros, suas práticas de estar junto e, em última instância, em suas práticas espaciais. Falar de juventudes, como uma experiência coletiva em grupos de pares, é colocar no centro da definição a sua espacialização, visto que demanda encontro e lugares de encontro – usos e apropriações diversas de espaço que, em alguns casos, pode significar territorializações autônomas pela cidade, mas em outros, como desenvolveremos adiante, podem significar que estão sendo territorializados segundo lógicas de mercado. (TURRA NETO, 2015b, p. 4).

Por meio da participação nas culturas juvenis, as juventudes adquirem maior força e possibilidade de se apropriar do espaço geográfico. Essas culturas proporcionam o encontro entre jovens que vivem em diferentes contextos, mas que possuem o interesse cultural em comum, potencializando as redes de sociabilidade e estimulando a troca de conhecimento, valores e experiências.

As juventudes e as culturas juvenis materializam suas práticas espaciais, sobretudo, nos espaços públicos. Tendo em vista que são espaços de livre acesso e conseqüentemente gratuitos, as/os jovens que aderem a essas culturas em sua maioria são das classes populares, e a gratuidade facilita os encontros. Assim, visa-se espaços públicos centrais para que as/os jovens de diversas partes das cidades possam ter acesso mais facilitado aos locais.

As culturas juvenis e esse encontro entre as/os jovens nos espaços públicos ressalta a dimensão política e cultural desses espaços. Culturas juvenis marginalizadas, como o Hip Hop, ao se apropriarem dos espaços públicos reivindicam seu direito a utilização desses locais, seu direito a existência e a divulgação de suas pautas sociais, gerando um diálogo entre

as/os jovens que aderem à cultura e entre estas/es e as/os frequentadoras/es dos espaços públicos. Desse modo, há uma coexistência entre diferentes pessoas, podendo produzir formas de adesão ou conflito, como destacado por Gomes (2018).

A cultura juvenil discutida nesse artigo é o Hip Hop, uma vez que a Batalha do Vale possui ela como sua manifestação cultural, as/os jovens que fazem parte dessa cultura possuem significações específicas e compartilham seus valores nas diversas manifestações, como grupos de dança, batalhas de rima e projetos sociais, resistindo às culturas dominantes. O Hip Hop possibilita a jovens periféricas/os afirmarem suas identidades, exporem suas demandas, reivindicarem por seus direitos e compartilharem suas trajetórias de vida e de espaço.

Portanto, as culturas juvenis potencializam a ação das juventudes no espaço geográfico e, principalmente, a apropriação dos espaços públicos. O Hip Hop, enquanto cultura juvenil marginalizada, proporciona as/aos jovens o encontro e a reivindicação de seus direitos, no caso de Presidente Prudente, a Batalha do Vale representa ao mesmo tempo o lazer gratuito realizado em um espaço público e a oportunidade de atuação política e cultural.

### **A Praça do Vale enquanto espaço público e forma espacial: a juventude hip hopper se expressando na Batalha do Vale**

Presidente Prudente caracteriza-se como uma cidade localizada no oeste do estado de São Paulo e que em 2010 possuía cerca de 207.610 habitantes. A Praça do Vale (recorte espacial desse artigo) está localizada no principal espaço público de Presidente Prudente, o Parque do Povo, utilizado sobretudo, para lazer e realização de práticas esportivas. As obras para construção do Parque do Povo foram iniciadas em 31 de outubro de 1976, esse espaço nasceu do processo de urbanização e canalização do trecho inicial do Córrego do Veado, sendo que a Prefeitura Municipal: “[...] apresentou à população, em 1976, o lançamento do Projeto denominado “Fundo de Vale”, justificando a necessidade da realização de um processo de reurbanização do fundo de vale, o qual se apresentava como um entrave ao desenvolvimento da cidade (BORTOLO, 2013, p. 57).

O parque foi inaugurado em 18 de junho de 1982, porém, logo em seguida foi abandonado sem a manutenção necessária que deveria ser realizada pelo poder público local. Em 1984 foi iniciada a implantação do Prudenshopping (principal *shopping* da cidade

localizado ao lado do parque), um dos motivos pelos quais mais atenção foi voltada para aquela zona da cidade. Em 2001, a administração municipal lançou uma campanha de “revitalização” do parque, pedindo à população sugestões de melhorias (BORTOLO, 2013)

Em 2002, novas obras foram iniciadas no parque e resultaram na instalação de quadras esportivas, pistas para caminhada, bancos, playgrounds, banheiros públicos, posto policial e quiosques, “com isso, tal espaço público se transforma e modifica sua produção, seus usos, suas diferentes formas de apropriação a partir da alteração dinâmica de produção do espaço público do Parque do Povo na sociedade contemporânea atual” (BORTOLO, 2013, p. 59).

A partir dessas obras e outros serviços presentes no entorno do Parque do Povo, os arredores do local passaram a ser extremamente valorizados, a construção: “[...] alterou todo o conjunto urbano de seus bairros circundantes, que, de área desvalorizada do ponto de vista social e econômico, passou a ser uma das áreas mais valorizadas da cidade” (BARRETO NETTO, 2016, p. 26). Barreto Netto (2016) ainda destaca que a escolha do local de instalação do parque não foi ao acaso, ele foi instalado em uma zona com grande potencial para valorização e acelerou esse processo, sendo que grande parte da classe média/alta prudentina habita em seus arredores.

A Praça “Oscar Figueiredo Filho” (empresário sucroalcooleiro) é popularmente conhecida como Praça do Vale e está localizada no fim do Parque do Povo, na Avenida Manoel Goulart e ao lado do Prudenshopping, possuindo uma localização altamente valorizada. A praça foi construída em 2008 e em 2017 passou por um processo de “revitalização”, sendo que atualmente conta com chafariz, jardins, palco para eventos, arquibancada e bancos (PORTAL, 2017). De acordo com Salvi (2019) a praça é utilizada nos fins de tarde por poucas/os moradoras/es do entorno e pelas/os skatistas, aos finais de semana é mais frequentada, sendo que pessoas se deslocam até ela, levam suas cadeiras, bebidas e caixas de som para escutar músicas, além disso, no local há um trailer de lanches. O autor ainda destaca que apesar da existência do palco, não era recorrente a realização de eventos culturais na praça antes da Batalha do Vale.

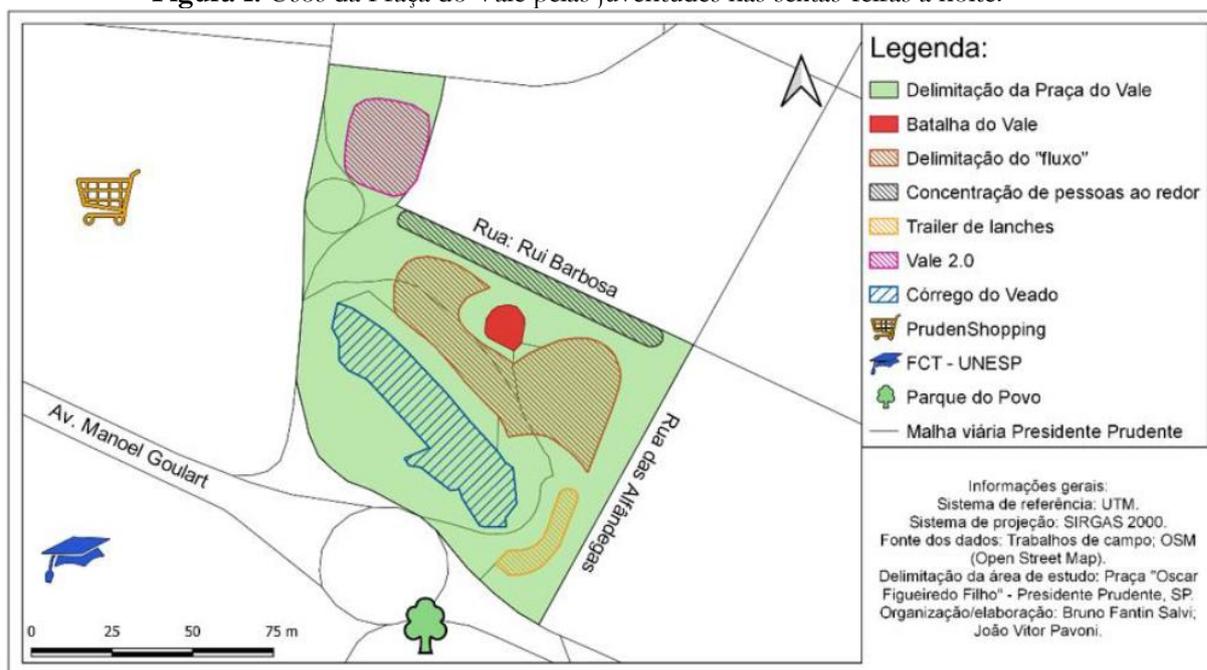
A Batalha do Vale é uma batalha de rima, que ocorre às sextas-feiras por volta das 20h. As batalhas de rima são disputas entre MCs que fazem suas rimas a fim de ganhar do adversário. Há dois tipos de batalha: batalha de conhecimento, em que o público estabelece palavras que desejam ver nas rimas; e batalha de sangue, em que a(o) MC precisa desmoralizar

a(o) outra(o). Geralmente a batalha ocorre num sistema de “melhor de três”, com rounds de trinta segundos para cada participante, sendo que quem decidiu a(o) vencedora(or) é o público, que vota por meio de gritos e aplausos (GOLÇALVES, 2015).

A cultura Hip Hop se consolidou em Presidente Prudente na década de 1990. Nesses anos, diversos grupos de rap foram formados e fomentaram o cenário cultural da cidade. Porém, Salvi (2019) destaca que os jovens que integravam os grupos sofriam com a falta de emprego e incentivo à sua arte, assim tiveram que buscar empregos informais para garantir a sobrevivência, e isso impactou nos grupos, que foram perdendo força no final da década de 1990. Nos anos 2000, a cena do Hip Hop prudentino não foi fortemente fomentada, ocorreram poucos eventos e apenas alguns artistas permaneceram desenvolvendo atividades ligadas à cultura. Em 2014, um evento organizado por jovens, Duelo Independente, realizou shows e batalhas de MCs com artistas da região. A partir disso, surgiram vários MCs interessados em batalhar, todavia o evento acontecia esporadicamente, e surgiu a necessidade de um encontro que ocorresse todas as semanas para reunir a juventude hip hopper. Daí que a Batalha do Vale é criada em meados de 2015 (SALVI, 2019).

A juventude do Hip Hop de Presidente Prudente e região se reúne na praça para se manifestar culturalmente por meio do rap. Salvi (2019) realizou entrevistas com 30 jovens que frequentam a Batalha questionando em qual bairro/zona da cidade eles moravam, a maioria mora na zona norte (12), em seguida há jovens que vem de Álvares Machado (10) – município vizinho de Presidente Prudente –, da zona oeste (5) da cidade, da zona sul (2) e por fim, da zona leste (1), nenhum entrevistado residia na zona central da cidade. Alguns atuavam como MCs e outros apenas faziam parte do público. Além disso, 83% se autodeclaravam negros e 17% se autodeclaravam brancos. Assim, reforça-se a ideia de que as/os jovens hip hoppers que se deslocam de seus bairros nas sextas para frequentar a Batalha, são majoritariamente negras/os periféricas/os. Em relação aos usos da praça no dia em que ocorre a Batalha, a Figura 1 fornece informações.

**Figura 1:** Usos da Praça do Vale pelas juventudes nas sextas-feiras à noite.



**Fonte:** SALVI (2019).

Por meio da Figura 1, nota-se os múltiplos usos da Praça do Vale nos dias de batalha de rima. Não são apenas as/os jovens do Hip Hop que a utilizam, mas também as/os jovens do "fluxo" – que vão a praça para socializar entre amigas/os e não especificamente para a Batalha (SALVI, 2019) –, as pessoas que vão para comer lanche, entre outras.

Desta forma, a Batalha do Vale representa uma das formas pelas quais os espaços públicos podem ser utilizados, por meio da manifestação cultural e do lazer, esse evento atrai jovens de diferentes locais e contextos de vida para o mesmo espaço, uma vez que possuem um interesse em comum, o Hip Hop. Além do fato de gostar do Hip Hop, essas/es jovens são ainda mais atraídas/os para a Batalha por ser um evento gratuito, reforçando ainda mais as ideias de espaço público enquanto um espaço de livre acesso e com gratuidade.

A Batalha do Vale possibilita o encontro entre pessoas diferentes com interesses em comum, proporcionando aprendizados, trocas de conhecimento e experiência. Além disso, o encontro não ocorre apenas entre as/os jovens que frequentam a Batalha, mas também entre as pessoas que passam na praça no horário de realização do evento, que passam de carro, que vão à praça para se alimentar ou conversar com amigas/os. Ressalta-se o sentido de sociabilidade que esses espaços proporcionam.

Podemos ainda, interpretar a Batalha do Vale como uma ação de subversão. Sobarzo (2006) oferece aportes para essa análise ao discutir que há uma relação escalar entre

apropriação, cotidiano, espaço público e subversão. A apropriação do espaço público pode ser entendida como um “[...] “salto escalar” que permite sair da esfera do privado – corpo e casa – para escalas maiores como o bairro e a cidade” (SOBARZO, 2006, p. 107), assim esses locais são possibilitadores de ações de subversão.

Nesse sentido, as juventudes empobrecidas, majoritariamente negra e da periferia, se deslocam de seus locais de moradia e vivência, se apropriam do espaço da Praça do Vale (em uma área muito valorizada) conquistando uma escala de ação mais ampla, realizam suas manifestações políticas e culturais conquistando mais visibilidade e um campo maior de adesão, luta e reivindicação de seus direitos e de sua existência. Além disso, essa subversão possibilita as/aos jovens a afirmação de suas identidades e ampliação de sua escala de vivência. Jovens que anteriormente, dificilmente vivenciariam ações fora da periferia (a não ser o ato de trabalhar) passam a ter acesso a outros locais da cidade, instituindo espacialidades transgressoras.

Além da Batalha do Vale reforçar a importância dos espaços públicos, o local em que ela ocorre, a Praça do Vale, representa uma importante forma espacial em Presidente Prudente, para a população da cidade e para a juventude do Hip Hop. A partir das contribuições de Corrêa (2011), podemos entender a Praça do Vale por meio da tríade existente entre forma, processo e significado. A praça representa a forma espacial, a Batalha do Vale se apresenta como o processo que ocorre naquela forma e o significado é atribuído por meio da identidade que a juventude do Hip Hop possui com a forma e o processo.

Por meio dos significados atribuídos a forma espacial da Praça do Vale, esse espaço pode ser caracterizado como uma forma simbólica espacial. Para compreender essas significações, um dos jovens que frequenta o espaço há quatro anos foi entrevistado, Matheus. Ao ser questionado do significado que a Batalha do Vale representa para si e para o movimento, Matheus afirma:

A Praça do Vale para mim significa um lugar de liberdade, que apesar da polícia e alguns moradores da cidade não gostarem tanto que a galera cole lá, é um lugar livre para qualquer uso, para mim significa um ambiente que geral se sente à vontade. Para o movimento a Praça do Vale é como se fosse um ponto de cultura, um refúgio, um lugar onde acontece a manifestação de Hip Hop, aquela praça é uma referência para o movimento da região em geral. Para a juventude é aquilo, toda a juventude de Presidente Prudente já ouviu falar da Batalha do Vale e sabe que acontece naquela praça ao lado do shopping, é uma praça onde toda sexta pode colar que vai ter algum rolê, e para a galera que vai até lá especificamente para a BDV acho que é um lugar onde todo mundo

compõe uma parte, a BDV só acontece com a galera que cola, a praça significa um pertencimento para a galera jovem que cola ali.

A partir das afirmações de Matheus, se torna evidente que a Praça do Vale é uma referência para a juventude prudentina do Hip Hop, ela possibilita que a Batalha do Vale aconteça e simboliza lazer, liberdade e cultura. Até mesmo a população que não frequenta o evento, entende que aquela praça representa o Hip Hop, principalmente nas sextas-feiras a noite em que a Batalha acontece. O nome “Batalha do Vale” reforça ainda mais a denominação “Praça do Vale”, tendo em vista que esse não é o nome original do local.

Considerando a importância dessa forma espacial e simbólica para as juventudes, as/os jovens se apropriam da mesma e imprimem sua marca, não apenas por meio da realização da Batalha, mas também com grafites e lambe-lambe (cartazes artísticos colocados nos espaços públicos e que possuem alguma crítica social em seu conteúdo), assim: “meio que a Praça acaba ficando com a cara da juventude que usa ela”, segundo Matheus. A Figura 2 representa essa apropriação do espaço pelas juventudes que por meio de artes marginalizadas demonstram sua existência e direito a permanência nos espaços públicos.

**Figura 2:** Comparativo da Praça do Vale no início de 2018 e em meados de 2019 com diversos lambe-lambes e pichos



Fonte: SALVI (2019)

Os espaços públicos são utilizados para múltiplas atividades e são alvo de interesses variados, nesse sentido, a apropriação da Praça do Vale pelas juventudes das periferias para a realização de um evento cultural marginalizado, não se torna interessante para alguns atores sociais, como por exemplo, o poder público municipal. Essa afirmação se embasa no fato de que desde seu início, a Batalha do Vale enfrenta conflitos com o poder público. Há episódios em que a Prefeitura ordenou o desligamento das luzes da praça para que o evento não fosse

realizado. Além disso, a organização aponta a dificuldade com a utilização da energia, com a insuficiência de lixeiras e com o policiamento, que em alguns episódios, tratou o público de forma violenta (PORTAL, 2019).

Quando questionado a respeito desses conflitos, Matheus informa que a polícia já apontou armas para as/os frequentadoras/os, apavorando todas/os. Porém, também aponta que nos últimos meses, a repressão policial diminuiu: “Hoje em dia a polícia coloca alguns policiais em treinamento lá, que ficam andando a pé em dias de Batalha do Vale, eles ficam circulando lá mas não tentam impedir a BDV de acontecer, isso é um sinal de aceitação”.

Além da relação da Batalha do Vale com o poder público, há a relação da mesma com o restante da população que utiliza a praça ou passa por esse espaço, Matheus aponta que muitas pessoas não fazem a separação entre o pessoal da Batalha e o fluxo, associando os primeiros ao uso de drogas, por exemplo. Assim, há um estigma a respeito da juventude negra e do Hip Hop. No que diz respeito aos cuidados com a praça, o entrevistado ressalta que após a finalização do evento, muito lixo fica espalhado (segundo ele, devido a insuficiência de lixeiras e a falta de consciência de alguns) e as/os organizadoras/es recolhem todo o material, priorizando a limpeza do espaço.

As permanências da Praça do Vale também se modificam ao longo dos dias e dos horários. Quando olhamos para a praça em um fim de tarde de quarta-feira por exemplo, ela apresentará pouco adensamento e apenas pessoas sentadas e conversando. Porém, em um fim de tarde de sexta-feira esse cenário já muda, a juventude começa a ocupar esse espaço e quando se aproxima das 20h nota-se um alto adensamento de jovens que estão se reunindo para sua manifestação cultural e política, como ilustrado na Figura 3.

**Figura 3:** Praça do Vale quando não há Batalha do Vale e quando acontece o evento



**Fonte:** PORTAL (2017); Facebook Batalha do Vale (2019).

Desta forma, a Batalha do Vale representa o lazer e a cultura para a juventude do Hip Hop, por meio do rap as/os jovens podem expor suas demandas e refletir a respeito da sociedade, assim, esse evento tem um potencial cultural, mas também político, potencializando a emancipação da juventude. Ao ser questionado acerca do papel político do evento, Matheus aponta:

Ela tem um papel político importante, no sentido de que estimula a juventude a se organizar, criar demandas, discutir problemas e procurar soluções. Isso é política. Para além disso, a BDV faz com que os jovens enfrentem conflitos, seja entre eles mesmos, seja entre a juventude e o poder público, e esses conflitos levam os jovens procurarem soluções, aprenderem a conviverem, cultivando a cidadania. Desta forma também acredito que pode potencializar a emancipação, incentivando a juventude a ser mais crítica frente aos problemas, levando então a uma “caminhada” mais consciente, que vai refletir em outros momentos da vida.

Enquanto forma espacial simbólica, a Praça do Vale a partir da Batalha do Vale apresenta algumas funções que são sugeridas por Corrêa (2007), como a transmitir valores de um grupo e a de afirmar a identidade racial e social. Portanto, a Batalha do Vale pode ser entendida como um evento cultural e político que potencializa as funções dos espaços públicos, por ser realizada em um desses locais, proporcionando o encontro entre diferentes pessoas e a possibilidade de (re)união das juventudes.

## **Conclusões**

A Batalha do Vale é uma manifestação cultural e política muito importante para a juventude do Hip Hop de Presidente Prudente. Ela possibilita que as/os jovens se encontrem e por meio do rap, denunciem as desigualdades existentes e exponham suas demandas, reafirmando suas identidades enquanto jovens, marginalizadas/os, pobres e de periferia.

Essa manifestação é uma ação subversiva da juventude hip hopper, elas/es se apropriam de um espaço público localizado em uma área valorizada da cidade (que, se não possuísse esse espaço provavelmente não teria a presença de tantas/os jovens periféricas/os), ampliam sua escala de ação e reafirmam sua existência e resistência às desigualdades impostas cotidianamente, instituindo espacialidades transgressoras.

Nesse sentido, por meio do presente artigo evidencia-se que a Batalha do Vale pode ser discutida com base nas noções de formas espaciais e espaços públicos, uma vez que seu local de realização é uma praça pública que também representa uma forma espacial e

simbólica. Essa manifestação reforça a importância dos espaços públicos nas cidades contemporâneas e contraria a ideia de que esses espaços estão em crise, tendo em vista, que por meio da apropriação da Praça do Vale a juventude se encontra, usufruiu do lazer e faz sua arte, sendo que o fato de ser um local central e de acesso gratuito facilita para que essas/es jovens possam se deslocar de seus bairros de moradia. Em suma, a Praça do Vale representa a forma espacial e simbólica, assim como o espaço público, e a Batalha do Vale é o processo empreendido pela juventude que atribui significado a esse cenário.

Portanto, a Batalha do Vale demonstra o quanto é importante que a sociedade usufrua dos espaços públicos e sociabilize. Esse evento, assim como outras batalhas de rima, é apenas um exemplo de manifestação que ocorre em espaços públicos e aponta para a necessidade da realização de outros, que podem ser estudados por meio das noções de espaços públicos e formas espaciais, mas também por meio de conceitos como lugar, território ou discussões relacionadas ao direito à cidade, práticas socioespaciais e centralidades urbanas.

## Referências

BARRETO NETTO, A. **Centralidades do lazer em Presidente Prudente:** fluxos, tensões e territorialidades no Parque do Povo. 2016. 90 f. Monografia (Bacharel em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2016.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 84-91, 1998.

BORGES, S. Espaço político e tensão democrática: os protestos recentes e a potência política das ruas. **Geografares**, Vitória, v. 26, p. 162-181, jul./set. 2018.

BORTOLO, C. A. O espaço público do Parque do Povo – Presidente Prudente – SP: reflexões geográficas. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 13, n. 1, p. 50-65, jan./jun. 2013.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros:** crime segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CASTELLS, M. **A questão urbana.** São Paulo: Paz e Terra, 1983.

CORRÊA, R. L. Organização do espaço: dimensões, processo, forma e significados. **Geografia**, Rio Claro, v. 36, n. especial, p. 7-16, jan. 2011.

CORREIA, R. L. Formas simbólicas e espaço - algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 9, n. 14, 2007.

DELGADO, M. Espacio público, discurso e lugar. In: \_\_\_\_\_. **El espacio público como ideología**. Madri: Catarata, p. 15-40, 2011.

GÓES, E. M.; SPÓSITO, M. E. B. Práticas espaciais, cotidiano e espaço público: o consumo como eixo da análise do calçadão de Presidente Prudente-SP. **Anpege**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 19, p. 39-65, jul./dez. 2016.

GOMES, P. C. C.; RIBEIRO, L. P. Espaços públicos como lugares de política. **Geografares**, Vitória, v. 26, p. 5-11, jul./set. 2018.

GONÇALVES, R. A. Rima e a estética da resistência. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 37, jul./dez. 2015.

HALL, S. The work of representation. In: \_\_\_\_\_. **Representations: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage Publications, p. 13-74, 1997.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

**PORTAL Prudentino**: Em PP, Praça Oscar Figueiredo tem fonte original reativada. 2017. Disponível em: <<https://www.portalprudentino.com.br/noticia/noticias/presidente-prudente-noticias/em-pp--praca-oscar-figueiredo-tem-fonte-original-reativada->>. Acesso em: 20 dez. 2019.

**PORTAL Prudentino**: Após intervenção, Batalha do Vale é garantida em praça. 2019. Disponível em: <<https://www.portalprudentino.com.br/noticia/cultura/musica-cultura/apos-intervencao--batalha-do-vale-e-garantida-em-praca->>. Acesso em: 28 dez. 2019.

SALVI, B. F. **A cidade e os espaços informais de educação**: contribuições da Batalha do Vale na educação dos jovens de Presidente Prudente. 2019. Monografia (Bacharel em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente.

SANTOS, M. Estrutura, processo, função e forma como categorias do método geográfico. In: \_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, p. 49-59, 1985.

SOBARZO, O. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **Geosp**, São Paulo, n. 19, p. 93-111, 2006.

SOUZA, A. F. Os espaços públicos nas cidades contemporâneas: uma (re)visão. **Geografares**, Vitória, v. 26, p. 182-213, jul./set. 2018.

SPÓSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar

*Praça do Vale e Batalha do Vale em Presidente Prudente (SP): reflexões a partir das discussões de forma espacial e espaços públicos. Ana Carolina dos Santos Marques.*

Felício; PIRES, Lucineide Mendes. **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, p. 119-136, 2015a.

TURRA NETO, N. Relações entre sociabilidade juvenil e mercado da diversão noturno em cidades médias. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 15, 2015, Cuba: EGAL, p. 1-11, 2015b.

WHITACKER, A. M.; MIYAZAKI, V. K. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, Portugal, v. 2, p. 307-327, 2012.

Submetido em: junho de 2020.

Aceito em: junho de 2021.